

## A recepção da obra de Franz Kafka no Brasil

Celeste H. M. Ribeiro de Sousa \*

Eduardo Manoel de Brito \*\*

Maria Célia Ribeiro Santos \*\*\*

**Abstract:** This essay aims at making a survey of Kafka's reception in Brazil. After justifying the importance of this study, I show how intermittently Kafka's work was translated into Brazilian Portuguese in the very beginning of his reception, that is to say, 1956. The first text published in Brazil was *Die Verwandlung*, which was written in German in 1915. However this text was not translated from the German, but from the English. Other texts were translated from the French. Translations from the German only appeared in 1983, among them the one with the "short stories" *Kleine Fabel, Der Geier, Gibs auf!* and *Vor dem Gesetz*. It is interesting to notice that essays and other articles in newspapers on Kafka and his work preceded the translations. For example, the first essay on the author was written by Otto Maria Carpeaux in August 1941 in the newspaper *Correio da Manhã*. Nowadays Kafka's work is object of considerable research in Brazil.

---

\* A autora é doutorada em Literatura Alemã e pós-doutorada em Teoria Literária e Literatura Comparada. Atualmente é pesquisadora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da USP. É ainda fundadora e coordenadora do grupo de pesquisa RELLIBRA e coordenadora do GT Literaturas Estrangeiras da ANPOLL.

\*\* O autor é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã.

\*\*\* A autora é Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã.

**Keywords:** Franz Kafka; Kafka's Brazilian Reception; Kafka's Translations into Portuguese.

**Zusammenfassung:** Zweck dieses Essays ist, einen Überblick über Kafkas brasilianischen Rezeption zu geben. Der Text beginnt mit einer Art Rechtfertigung dieser Forschung und stellt dann vor, wie Kafkas Werk am Anfang des Rezeptionsprozesses, das heißt 1956, sehr unsystematisch ins Portugiesische übersetzt wurde. Der erste in Brasilien veröffentlichte Text war *Die Verwandlung*, der schon 1915 in deutscher Sprache erschienen war. Jedoch wurde die Erzählung nicht aus der deutschen Sprache übersetzt, sondern aus dem Englischen. Andere Texte wurden aus dem Französischen übertragen. Übersetzungen aus dem Deutschen kamen erst ab 1983 in den Handel, unter ihnen die Texte *Kleine Fabel*, *Der Geier*, *Gibs auf!* und *Vor dem Gesetz*. Bemerkenswerterweise wurden Essays und andere Informationen über Kafka und sein Werk schon 1941 herausgegeben – also viel früher als die Übersetzungen. Im August jenes Jahres schrieb Otto Maria Carpeaux beispielweise den ersten Artikel über den Autor in der Zeitung *Correio da Manhã*. Heute ist Kafkas Werk Thema vieler Untersuchungen.

**Stichwörter:** Franz Kafka; Kafkas brasilianische Rezeption; Kafkas Übersetzungen ins Portugiesische

**Resumo:** O objetivo do presente ensaio é apresentar um panorama geral da recepção brasileira de Kafka. O texto inicia-se com a justificativa sobre a pertinência da pesquisa e mostra como Kafka, no início de seu processo receptivo, ou seja, 1956, foi traduzido de maneira não sistemática para o português. O primeiro texto publicado no Brasil foi *Die Verwandlung*, cuja versão alemã data de 1915. Entretanto a narrativa não foi traduzida a partir do alemão, mas sim do inglês. Outros textos foram traduzidos a partir do francês. Traduções diretas do original alemão só vieram a lume a partir de 1983, entre elas: *Kleine Fabel*, *Der Geier*, *Gibs auf!* e *Vor dem Gesetz*. É digno de nota que, já em 1941, publicaram-se ensaios e outras informações sobre Kafka e sua obra, portanto muito antes das traduções das obras propriamente ditas. Em agosto daquele mesmo ano, por exemplo, Otto Maria Carpeaux escreveu o primeiro artigo sobre o autor no jornal *Correio da Manhã*. A obra de Kafka é hoje tema de inúmeras pesquisas.

**Palavras-chave:** Franz Kafka; recepção brasileira de Kafka; traduções de Kafka para o português.

## 1. Alguma teoria. Contextualização

“A significação frasal é uma hipótese, que se erige sobre uma quantidade de significados correlacionados, que, por sua vez, são projetados sobre a base material dos significantes. O núcleo do significado frasal assim obtido é definível como ‘estado de fato’. Na acepção própria do termo, este ‘estado de fato’ é o primeiro passo da recepção. Para a constituição do ‘estado de fato’, no entanto, é necessária não só a atividade redutora do leitor, como, ao mesmo tempo, uma atividade catalisadora, que ocupe os vazios.”<sup>1</sup>

Na decodificação das mensagens embutidas nos textos de Franz Kafka, sem dúvida, a paciente colaboração do leitor é absolutamente imprescindível. Talvez, por isso, deva merecer especial atenção a análise da recepção de sua obra. Afinal, os aspectos de sua produção, bem como os de sua representação foram, diríamos, quase que exaustivamente examinados nos países de língua alemã. Entendemos aqui por produção a organização imanente das estruturas verbais dos textos em pauta e, por representação a estética sócio-ideológica refletida e a refletir-se nas estruturas verbais dos mesmos textos, num processo de mão dupla.

A Estética da Recepção, ao propor o conceito de ‘horizonte de expectativas’, abre, de fato, a possibilidade ao leitor estrangeiro de, ao analisar

<sup>1</sup> LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*. Rio, Paz e Terra, 1979, p. 138. „Die Satzbedeutung ist eine Hypothese, die über einer Menge einander zugeordneter signifiés errichtet wird, die ihrerseits projiziert sind auf die materielle Basis der signifiants. Der Kern der so gewonnen Satzbedeutung läßt sich definieren als Sachlage. Die aus dem Satz gewonnen Sachlage ist der erste Schritt der Rezeption im eigentlichen Sinne. Zur Konstitution der sachlage bedarf es aber nicht nur der reduzierenden, sondern zugleich einer katalysierenden Tätigkeit des Rezipienten, die die sprachlich indizierten Leerstellen der konstituierten Sachlage besetzt.“ STIERLE, Karlheinz. „Was heißt Rezeption bei fiktionalen Texten?“ In: STIERLE, Karlheinz. *Ästhetische Rationalität. Kunstwerk und Werkbegriff*. München: Wilhelm Fink, 1996, S. 292.

textos literários como os de Kafka, também com eles interagir, embora em circunstâncias bem diferentes das originais, e que, agora, podem ser tomadas até como propulsoras de inovações. Ao invés de deturpar a leitura dos textos produzidos pelo autor checo de língua alemã em tela, como há umas décadas atrás poderia ser considerado, ao contrário, a leitura / interpretação do leitor estrangeiro hoje só abre e enriquece ainda mais o significado dessas narrativas. Levamos em conta neste nosso texto não apenas as leituras das obras originais, como também as suas traduções para o português do Brasil, que nada são além de outras tantas leituras.

Textos, como os de Kafka, são lugares em que se enovelam infinitos cruzamentos de relações. Neste sentido, cabe ao leitor puxar um ou mais fios do novelo e, pacientemente, linearizá-lo, ou seja, cabe ao leitor, a partir da estrutura de apelo do texto e a partir de sua própria projeção sobre o texto, preencher os chamados ‘vazios’, quer dizer, dar uma forma ao que não está escrito, mas que é ativado em seu imaginário. Este configurar dos espaços vazios tanto pode ocorrer no plano horizontal das conotações metonímicas e seqüenciais, isto é, dos significados primários, quanto no plano vertical das conotações metafóricas, quer dizer, dos significados secundários. Assim, o leitor ou o tradutor acaba por tornar-se co-autor do texto ficcional lido e, através deste fenômeno de atualização / presentificação do texto, em que o ato de leitura/releitura se revela um verdadeiro ritual de vivificação da criação, portanto, um trabalho de realimentação do mito que é a literatura, elevar-se ao *status* de pequeno deus. Este preenchimento dos espaços vazios (a co-criação do texto literário) se, por um lado, obedece a fatores imponderáveis (inesgotáveis) de alto teor subjetivo, ligados ao leitor/receptor, por outro lado, prende-se indelevelmente às constantes do próprio texto.

É diante deste cenário teórico que achamos que o levantamento da recepção de Kafka no Brasil é relevante para a fortuna crítica do autor checo de língua alemã e, mais do que isso, é um foco gerador de outras múltiplas pesquisas.

O material (em preparação para publicação) foi coletado por Maria Célia Ribeiro Santos<sup>2</sup> e Eduardo Manoel de Brito<sup>3</sup>, com a orientação de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa.

Foram obtidas em “A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte I” de autoria de Maria Célia Ribeiro Santos as traduções existentes dos textos de Kafka, e em “A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte II” de autoria de Eduardo Brito foram arrolados os artigos, notas, resenhas, teses e similares sobre a obra do autor. Foram consultados dois dos jornais de maior circulação no Brasil, a saber, *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*. Inúmeras revistas, acadêmicas e não acadêmicas, de cariz literário e não literário, bem como outros tipos de publicação, como prefácios, posfácios, orelhas, foram igualmente examinados. Entre as revistas não acadêmicas mencionamos, por exemplo, *Veja* e *Isto É*. Entre as acadêmicas, foram pesquisadas as Revistas *Novos Estudos CEBRAE* (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), *Revista da USP*, *Alfa* (Revista do Departamento de Letras da Unesp), *Remate de Males* (Revista do Departamento de Letras da Unicamp), *Praga* (Revista de Estudos Marxistas),

---

<sup>2</sup> Os dados levantados por Maria Célia Ribeiro Santos atenderam à elaboração de um projeto de Iniciação Científica, com a aprovação e o apoio financeiro da FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), desenvolvido junto ao Curso de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, com o título: “A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte I”. Esta pesquisadora ocupa-se hoje com estudos aprofundados desta recepção. Investiga, sob a mesma orientação, as motivações existentes por detrás do “boom” de traduções de obras de Kafka no Brasil nas décadas de 60 e 70, da perspectiva do silêncio / silenciamento.

<sup>3</sup> O material levantado por Eduardo Manoel de Brito também atendeu à elaboração de um projeto de Iniciação Científica, com a aprovação e o apoio financeiro da FAPESP, desenvolvido junto ao Curso de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo, com o título: “A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte II.” Este pesquisador ocupa-se hoje com estudos aprofundados desta recepção. Investiga, sob a mesma orientação, as motivações existentes por detrás do “boom” de traduções de obras de Kafka no Brasil nas décadas de 60 e 70, da perspectiva da violência.

*Pandaemonium Germanicum* (Revista do Curso de Língua e Literatura Alemã da USP), entre outras.

## 2. Recepção reprodutiva. As traduções

No que diz respeito às traduções, podemos dizer que quase todos os textos de Kafka estão, hoje, traduzidos para o português do Brasil. No entanto, a realização dessas traduções foi muito assistemática, refletindo a falta de uma edição crítica em alemão, até há pouco inexistente. É possível distinguir quatro grandes fases no processo de tradução da obra de Kafka para o português do Brasil: uma 1ª fase que qualificaríamos como “descoberta do autor”, uma 2ª fase que designaríamos de “1º boom”, uma 3ª fase que chamaríamos de “2º boom” e uma 4ª fase que denominaríamos de “atual”.

Apesar da referência de Daniel Piza, em artigo para o jornal *O Estado de São Paulo* de 18.09.1991, a uma antologia com o título *Na Colônia Penal* que teria sido publicada em 1955, a 1ª obra de Kafka, em tradução para o português do Brasil, realmente localizada, foi *Die Verwandlung* (*A metamorfose*) de 1956, uma tradução realizada por Brenno Silveira, e que marca o início da 1ª fase. Trata-se de uma tradução efetuada a partir do texto em inglês, e publicada pela Civilização Brasileira no Rio de Janeiro. Essa tradução foi objeto de controvérsias. Enquanto Otto Maria Carpeaux, nos artigos “Romances proféticos” de 09.08. 1958 e “Livros que não há na mesa” de 13.06.1959, ambos publicados pelo jornal *O Estado de São Paulo* lamenta que nenhum texto de Kafka tenha sido traduzido no Brasil, estudiosos, como João Barrento e Edgard Cavalheiro, fazem referência em 1957 a essa tradução, desconhecida por Carpeaux. A própria editora Civilização Brasileira, em resposta à nossa solicitação de esclarecimentos, negou ter publicado tal tradução! Após várias buscas, contudo, dois exemplares deste texto controverso foram localizados no acervo de “Obras Raras” da Biblioteca Municipal Mário de Andrade em São Paulo, o que atesta a veracidade das informações de Barrento e Cavalheiro - a tradução de *A metamorfose* de 1956 realmente foi feita e existe.

Uma 2ª tradução, *Erstes Leid* (traduzida como *O artista do trapézio*), vem a público em 1958, pela editora Cultrix, de autoria e fonte não mencionadas. O texto faz parte de uma antologia com o título *Maravilhas do conto*

alemão, organizada por Diaulas Riedel. A seleção dos textos foi feita por Albert H. Widmann, com introdução e notas de Edgard Cavalheiro. Embora o tradutor não seja mencionado, há informações de que a tradução foi revista por T. Booker Washington, o que indica que o texto provavelmente também tenha sido traduzido a partir de edição inglesa. Uma segunda edição da tradução de *Die Verwandlung* (*A metamorfose*), de Brenno Silveira, vem a lume em 1963. Como se percebe, esta 1ª fase é marcada por traduções esporádicas feitas, principalmente, a partir do inglês.

A 2ª fase, a partir da década de 60 e estendendo-se pela de 70, já é assinalada por um aumento vertiginoso das traduções. Este “1º boom” coincide, curiosamente, com a implementação da ditadura militar em 1964 no Brasil. Obras já traduzidas são relançadas, outras recebem novas traduções e muitas outras são dadas a conhecer, como por exemplo, *Das Schloß* (*O castelo*), de autoria de Torrieri Guimarães, a partir de edição francesa. Esse famoso romance de Kafka foi publicado pela editora carioca Tecno-print em 1964. A edição brasileira traz um prefácio bastante longo também de Guimarães. Nota-se a intenção de explicar, não a obra kafkiana, mas a causa de todos os males da humanidade. Há uma tentativa exagerada de aproximar / comparar o escritor checo a Cristo! Há, também, muitas referências biográficas. Nesse mesmo ano de 1964, a editora Tema, de São Paulo, publicou *O processo* (*Der Prozeß*) igualmente traduzido por Torrieri Guimarães. A tradução também foi feita a partir do francês e, uma vez mais, o tradutor escreveu o prefácio. Com frases como “A fatalidade parece acompanhar cada um de seus passos, para pingar a sua gota de fel nas taças dos brindes”, Torrieri Guimarães permeia seu longo texto (20 páginas) de situações de dor e sofrimento em torno de Franz Kafka. A amplificação das dificuldades de relacionamento do escritor com seu pai dá-se de tal forma, que o leitor menos atento acaba por se esquecer das qualidades literárias da obra para sentir pena do autor. Curiosamente, o ano de 1965 foi o que trouxe à luz maior número de textos kafkianos traduzidos no Brasil: 43 ao todo! Mencionaremos alguns exemplos: *Amerika* (*América*) foi traduzido, a partir do francês, por Torrieri Guimarães e publicado pela editora paulista Exposição do Livro. No prefácio, o tradutor tece alguns comentários sobre os diferentes títulos atribuídos à obra: *Der Verschollene* (*O desaparecido*) e *Der Heizer* (*O foguista*). Guimarães diz ainda que “é através de

sua arte que ele [Kafka] foge ao problema, adia a solução, transfere-a, recolhe-se ao seu quarto, deixa à família as questiúnculas de dinheiro e aflição, para entregar-se aos seus ‘papeluchos’. Esses papeluchos compõem o primeiro capítulo da novela *América*.” O prefaciador acrescenta que o imigrante retratado em *América* seria o próprio Kafka e a senhora que ele conhece no Novo Mundo, sua mãe, aludindo ao complexo de Édipo. A novela *Die Verwandlung* (*A metamorfose*) começa a despontar como um dos textos mais bem aceitos pelo público brasileiro: é a única que conhece a 3.<sup>a</sup> edição em 1965, ano em que os principais textos do autor estavam sendo publicados pela primeira vez no Brasil. Desta vez, a tradução de Brenno Silveira, publicada pela Biblioteca Universal Popular, do Rio de Janeiro, ganha um prefácio de Ênio Silveira. O prefaciador refere-se às interpretações e análises da obra de Kafka, afirmando que muitas vezes refletem “enfoque puramente pessoal de certos críticos” que descobrem “motivações alheias à real personalidade do escritor”. Para ele, Kafka é “o exemplo típico de um autor violentado pelos analisadores de sua obra”, o que contribuiria para tornar seus escritos “herméticos”. A antologia *A colônia penal*, de Torrieri Guimarães (1965) é a grande responsável pela publicação dos textos mais curtos de Kafka. Nela vários títulos famosos e imprescindíveis do autor marcam presença: *Das Urteil* (*A sentença*), *Ein Landarzt* (*Um médico rural*), *Vor dem Gesetz* (*Diante da Lei*), *In der Strafkolonie* (*Na colônia penal*), *Ein hungerkünstler* (*Um artista da fome*), *Erstes Leid* (*Um artista do trapézio*), *Die Verwandlung* (*A metamorfose*) e *Josefine, die Sängerin oder das Volk der Mäuse* (*Josefina, a cantora ou a cidade dos ratos*) são bons exemplos da excelente seleção que reúne 39 títulos. O volume foi publicado pela Exposição do Livro, de São Paulo, e conta com prefácio de autoria do tradutor. Novamente, é possível observar uma forte tendência para explicar a obra pela biografia do autor, tendência essa favorecida pela publicação, no Brasil, de diários e cartas de Kafka nos anos de 1964 e 1965. Um problema a ser levantado é o fato de Torrieri Guimarães referir-se à antologia como se fosse do próprio Kafka. Em nenhum momento, é esclarecido ao leitor que os textos não foram reunidos e dispostos daquela forma pelo autor (fato relevante, uma vez que se conhece a preocupação de Kafka com essa questão). Também não são indicados os critérios para a seleção dos textos. Em 1966, surge outra antologia: *Os melhores contos de Kafka*. Nela, encontram-se os seguintes



títulos: *Das Urteil* (*A sentença*), *Schakale und Araber* (*Chacais e árabes*), *Ein Bericht für eine Akademie* (*Comunicação a uma academia*), *Vor dem Gesetz* (*Diante da Lei*), *Kleine Fabel* (*Fábula curta*), *In der Strafkolonie* (*Na colônia penal*), *Der Geier* (*O abutre*), *Der Jäger Gracchus* (*O caçador Gracchus*), *Der neue Advokat* (*O novo advogado*), *Der Steuermann* (*O piloto*), *Der Nachbar* (*O vizinho*), *Erstes Leid* (*Primeiro desgosto*), *Von den Gleichnissen* (*Símbolos*), *Ein Landarzt* (*Um médico de aldeia*) e *Eine kaiserliche Botschaft* (*Uma mensagem imperial*). O tradutor é A. Serra Lopes e a fonte não é mencionada. Trata-se de uma publicação da editora paulista Arcádia. A antologia não apresenta comentários ou notas sobre eventuais dificuldades de tradução ou textos explicativos que abram as portas do mundo de Kafka ao leitor brasileiro. Por isso, somos levados a crer que o nome Kafka já constitui chamariz suficiente para a aquisição do livro. Vários dos textos aqui apresentados já haviam sido publicados anteriormente. Também os romances *Das Schloß* (*O castelo*) e *Der Prozeß* (*O processo*) conhecem reedições em 1966; em ambos os casos, a tradução é realizada por Torrieri Guimarães a partir do francês. A publicação fica por conta da editora carioca Tecnoprint. Geir Campos também traduz, em 1967, vários textos de Kafka sob o título *Kafka - Parábolas e Fragmentos*. A fonte não é mencionada e a editora responsável pela publicação é a Tecnoprint/Ediouro - Rio de Janeiro. O tradutor também prefacia o volume. Campos esclarece que o autor jamais organizou um volume com este título, reunindo os textos aqui traduzidos. Mas, conclui que os fragmentos reunidos podem transmitir ao leitor uma “imagem bastante aproximativa da obra kafkiana”. Refere-se a uma citação de George Lukács que diz ser o mundo do capitalismo o material de trabalho de Kafka. Segue-se, então, uma série de citações sobre Kafka e sua obra, todas elas referindo-se ao tema da alienação e da “condição de animalidade” em que é colocado o protagonista kafkiano. Geir Campos acrescenta, ainda, dados sobre a obra, bem como informações biográficas do autor. Em 1968, nova antologia é publicada. Trata-se de *A muralha da China*. O volume apresenta 30 textos de Kafka, traduzidos por Torrieri Guimarães. Entre eles, encontram-se *Der Bau* (*A construção*), *Die Abweisung* (*A recusa*), *Der Dorfschullehrer* (*A toupeira gigante*), *Beim Bau der chinesischen Mauer* (*Da construção da muralha da China*) e *Zur Frage der Gesetze* (*Sobre a questão das leis*). Há, também, a tradução de parte do texto *Der Aufbruch* (*A partida*). No volume publicado pelo Clube do Livro, de São Paulo,

encontra-se uma nota explicativa de Evangelista Prado, que tece o seguinte comentário acerca do “grande segredo kafkiano: a fuga, a ausência, a omissão, o medo, a insegurança, a angústia! Diz o estudioso que Kafka quis anular-se na hora da morte, como procurava desaparecer nas horas da vida!”, em alusão ao pedido que o autor fizera a Max Brod para queimar todos os seus escritos não publicados. Há, ainda, uma referência à influência exercida pelo ambiente na obra de Kafka, ressaltando que, se o autor tivesse nascido em qualquer outro lugar do mundo, “as nuvens e túneis, que marcam o seu monólogo, não teriam existido. Então, o ambiente exerceria função predominante, a tal ponto de mudar inteiramente o aspecto prospectivo de um homem? Sem dúvida é que é!” A obra de Kafka é descrita como um lamento, uma lamúria, uma queixa, um “retroagir”, uma volta sobre si mesmo, “constantes de admirável poder literário, num clima de medo e de incerteza”. O ano de 1969 foi marcado pela reedição de *O castelo* (*Das Schloß*), *A metamorfose* (*Die Verwandlung*) e *O processo* (*Der Prozeß*), todos traduzidos e prefaciados por Torrieri Guimarães. Os dois primeiros são publicados pela Ediouro / Rio de Janeiro e o último pela editora paulista Hemus.

Nesse mesmo ano, surge nova antologia. Desta vez, contendo apenas três títulos: *Die Verwandlung* (*A metamorfose*), traduzido a partir do inglês por Brenno Silveira; *In der Strafkolonie* (*Na colônia penal*), traduzido por Leandro Konder; e *Ein Hungerkünstler* (*O artista da fome*), em tradução realizada por Eunice Duarte. As duas últimas traduções foram feitas a partir de edições em língua francesa. A editora é a Civilização Brasileira. O volume não apresenta prefácio ou nota explicativa.

Nos anos 70, o grande destaque fica por conta de *Der Prozeß* (*O processo*) – 4 edições – e *Die Verwandlung* (*A metamorfose*) – 3 edições. Marques Rebêlo traduz, de fonte não mencionada, *O processo*, publicado pela Tecnoprint em 1971. A tradução desse mesmo texto realizada por Torrieri Guimarães é publicada pela editora Abril (São Paulo) em 1975 e reeditada em 1979. Manoel Paulo Ferreira e Syomara Cajado são os responsáveis por nova tradução de *O processo* em 1977. A fonte não é mencionada e a publicação é de responsabilidade do Círculo do Livro (São Paulo). *A metamorfose* também é traduzida por Marques Rebêlo em 1971 e reeditada em 1972 pela editora Ediouro do Rio de Janeiro. Em 1976, o Clube do Livro reedita a tradução de Torrieri Guimarães.

Em 1983, Modesto Carone, professor de Literatura Alemã da Universidade de São Paulo e de Teoria da Literatura da Universidade de Campinas, escritor, crítico literário e ensaísta, inicia uma 3ª fase, marcada por traduções feitas a partir do original em língua alemã, fase esta que também se assemelha a um “boom”, pois antigas traduções feitas a partir do inglês e do francês são agora refeitas a partir do alemão, obtendo com isso enorme credibilidade. Em comemoração ao centenário de Franz Kafka, o jornal *Folha de S. Paulo*, publica caderno especial (03.07.1983), com título de “Século Kafkiano”. Nesse caderno, encontram-se traduzidos, por exemplo, *Kleine Fabel (Pequena Fábula)*, *Der Geier (O abutre)*, *Gibs auf! (Desista!)* e *Vor dem Gesetz (Diante da lei)*, todas traduções de Carone. Ainda no mesmo caderno, encontram-se dois textos traduzidos por Lúcia Nagib. São eles: *Eine kaiserliche Botschaft (Uma mensagem imperial)* e *Ein Schlag ans Hoftor (Um golpe na porta do solar)*. As fontes não são mencionadas.

A partir das traduções publicadas em jornal por Modesto Carone, as edições ganham posfácios de refinada análise levados a cabo pelo tradutor. É o caso da antologia *Um artista da fome e A construção*, publicada pela editora Brasiliense, de São Paulo, em 1984. Os títulos traduzidos foram: *Erstes Leid (Primeira dor)*, *Eine kleine Frau (Uma mulherzinha)*, *Ein Hungerkünstler (Um artista da fome)*, *Josefine, die Sängerin oder Das Volk der Mäuse (Josefina, a cantora ou o povo dos camundongos)* e *Der Bau (A construção)*.

No posfácio, Carone explica que “as narrativas reunidas neste livro pertencem à última fase da produção literária de Franz Kafka, mais exatamente ao período que vai do início de 1922 até metade de 1924”. Esclarece que os quatro primeiros textos foram, ao contrário do que aconteceu à maior parte da obra de Kafka, coligidos pelo próprio autor, sob o título geral de *Um artista da fome*. Segundo o tradutor, Kafka talvez tivesse preferido incluir nesta seleta *A construção*, em vez de *Josefina*, mas como à época da entrega da antologia para publicação ainda não conseguira elaborar o desfecho de *A construção*, a antologia saiu com a história da ratinha cantora. *A construção* permaneceu inacabada e chegou até nós como fragmento, o que não a impede de ser “uma das fábulas mais fortes e sombrias da ficção kafkiana – a ponto de haver quem a considere o testamento literário do autor”. E, por esse motivo, esta narrativa foi incluída na antologia organizada por Carone. O tradutor ainda comenta as condições de publicação dos

demais textos em alemão e acrescenta: “no que diz respeito à presente tradução, os fatos referidos desempenham papel importante, uma vez que a intenção foi não só tomar como ponto de partida o original alemão, mas também sua versão definitiva. Pois é sabido que Kafka tem sido traduzido, no Brasil, de segunda mão – muitas vezes do ‘original inglês’ – e que as versões estrangeiras de onde derivam as brasileiras têm como base textos que só nos últimos anos vêm sendo submetidos a um exame editorial mais rigoroso”. Essa antologia conhece sua segunda edição em 1985.

Em 1985, *Die Verwandlung* (*A metamorfose*) é também traduzida por Modesto Carone e publicada pela mesma editora Brasiliense. No posfácio, Carone refere-se aos acontecimentos que cercaram a primeira publicação do texto em alemão. Afirma que a intenção do autor era publicar *A metamorfose* juntamente com *O veredicto* e *O fogueiro* num volume que deveria se chamar *Os filhos* (*Die Söhne*). Mais tarde, teria tentado publicar *A metamorfose* com *O veredicto* e *Na colônia penal* sob o título *Punições* (*Strafen*). Nenhuma das duas tentativas foi realizada e a novela *A metamorfose* veio a lume em outubro de 1915 em revista pela Editora Kurt Wolff e, mais tarde, devido ao seu sucesso, foi publicada isoladamente pela mesma editora. Modesto Carone comenta as traduções brasileiras de *A metamorfose*, assinalando que a publicação da editora Brasiliense é a primeira traduzida diretamente do alemão (70 anos depois da primeira publicação do original!) Esclarece, também, que sua tradução busca manter a fidelidade possível “não só à letra do texto, mas também à sintaxe pessoal do autor”, sintaxe que teria a “função de assinalar, no recorte tortuoso e preciso da frase, não só a trama em que se perde o personagem, como também sua necessidade de ‘naturalizar’, pela *lucidez*, o absurdo da situação descrita. (A mediação é dada por um narrador neutro, ou cara-de-pau, através dos discursos direto e indireto livre.) Nesse sentido, não deve surpreender que a frase em português mais de uma vez ultrapasse, na tradução, os seus limites rotineiros, sujeitando-se a ‘violências’ com o intuito de *trazer* para a língua de chegada a consistência compacta do original. Acresce ainda que a notação obsessiva e naturalista do detalhe cumpre, em Kafka, a tarefa de cercar a fantasmagoria, conferindo-lhe a credibilidade do real, o que dá ao insólito a nítida sensação do *déjà vu*. Sendo assim, uma tradução que dê conta dos desígnios kafkianos – sem exclusão do seu humor negro – tende a se conformar à base realista da sua prosa, *cortando o barato* de qualquer nuance mágica”.

Chama-nos a atenção o fato de que, neste ano de 1985, são publicadas outras duas traduções de *A metamorfose*. Uma reedição da tradução feita a partir do inglês por Brenno Silveira, publicada pela Civilização Brasileira e uma nova tradução realizada também a partir do inglês por Enio Silveira e Marques Ribeiro Calouro, cuja publicação fica a encargo da editora Tecnoprint.

O *processo* é traduzido por Modesto Carone em 1988 e publicado pela editora Brasiliense. A tradução é seguida de um posfácio em que o tradutor tece comentários acerca das circunstâncias em que o romance, que Kafka não chegou a publicar, foi escrito, e faz observações sobre a disposição dos capítulos, bem como sobre o caráter ‘fragmentado’ da obra. Kafka não redigira os fragmentos mencionados em um caderno, como costumava fazer; mas arquivara-os em envelopes separados, o que ocasionou o fato de alguns desses fragmentos, quando da edição feita por Max Brod, haverem perdido a seqüência cronológica. Carone oferece ainda algumas linhas interpretativas, a partir das quais é possível analisar o romance, brindando o leitor com uma visão abrangente do que se tem escrito sobre o romance.

Nesta fase, faz-se necessário assinalar a tradução “heterodoxa” de Flávio Kothe em 1989 do texto *Vor dem Gesetz*, costumeiramente traduzido como *Diante da lei*, por ele traduzido como *Ante(s) (d)a lei*. O texto está inserido em uma antologia com o título de *Nas Galerias*. Alguns dos títulos aqui traduzidos são: *Das Urteil* (*A sentença*), *Das Schweigen der Sirenen* (*O silêncio das sereias*) e *Auf der Galerie* (*Nas galerias*). Todos os textos da antologia são traduzidos por Flávio Kothe a partir do alemão. A publicação é de responsabilidade da editora Estação Liberdade de São Paulo. Na apresentação intitulada “Formas da contradição em Kafka”, Kothe explica o motivo pelo qual preferiu traduzir o título *Vor dem Gesetz* por *Ante(s) (d)a lei*: “Ao não assumir o risco de enfrentar os possíveis perigos, ao ficar aguardando as soluções, o protagonista fica ante a lei, diante da lei, porque está antes da lei, aquém da lei; ele não chega até a lei, ele só aceita a lei do outro como a sua própria, ele mesmo não tenta fazer a lei”. Daí o título em português, que resgata a polissemia da preposição alemã “vor” como lugar – “ante” –, e como tempo – “antes” .

O momento atual caracteriza-se, no que tange ao trabalho tradutório, por estabilidade, já que a obra do autor em foco se encontra quase na tota-

lidade traduzida para a nossa língua. O último texto publicado (2003) foi *Träume* (Sonhos), traduzido por Ricardo F. Henrique a partir do alemão e publicado pela editora Iluminuras. Trata-se de uma reunião das descrições de sonhos feitas por Kafka em seus diários e em cartas. A apresentação é escrita por Márcio Seligmann-Silva.

Destaca-se, além disso, a tradução de *Amerika* (América) realizada por Susana Kampff Lages e publicada pela editora 34 (São Paulo) em 2003. A edição apresenta um posfácio redigido pela tradutora, intitulado “Das (im)possibilidades de traduzir Kafka”, e comentários nas “orelhas” feitos por Márcio Seligmann-Silva. Lages procura resgatar a “inconclusão” kafkiana. Diz ela que “é precisamente uma compreensão radical desse elemento de ‘inconclusão’, de falta, em Kafka que nos levou a resgatar, dos dois volumes que compõem a edição crítica de *O desaparecido*, elementos excluídos do texto estabelecido no primeiro volume e incluídos apenas no volume do ‘aparato crítico-editorial’. Além disso, incluímos também elementos do texto estabelecido por seu primeiro editor, Max Brod. Essa operação de recontaminação do original com as ‘sujeiras’ do manuscrito kafkiano e de sua edição primeira vai, portanto, no sentido de resgatar algo que, como observou Borges, é essencial à arte de Kafka: sua fundamental inconclusão.” Note-se ainda que a tradutora manteve os dois títulos da obra: na capa, lê-se *O desaparecido ou Amerika*.

Nesta fase é, no entanto, interessante verificar que é possível encontrar no mercado tanto as traduções antigas, realizadas a partir de traduções em outras línguas, novamente relançadas, como as traduções feitas a partir do original. Ao que parece o leitor médio não leva em consideração essa diferença. Também é possível depararmos com trechos de traduções de narrativas de Kafka, publicados em coletâneas, ostentando, porém, outros títulos que não os das obras de onde foram retirados, o que pode deixar o pesquisador da recepção um pouco desorientado.

### 3. Recepção crítica. Artigos, notas, etc.

No que toca à recepção crítica da obra de Kafka, é curioso verificar que as notas, os artigos, as resenhas e afins chegam ao público brasileiro antes das traduções. O primeiro estudo inteiramente dedicado a Franz Kafka, “Franz

Kafka e o mundo invisível”, é publicado por Otto Maria Carpeaux no jornal *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, em 1941 e, posteriormente, incluído no seu livro *Cinzas do Purgatório* de 1942.

A partir da segunda metade dos anos 40, passam a surgir textos nos quais o autor tcheco é mencionado como uma referência literária. O primeiro texto da imprensa paulista que se refere a Kafka está datado de 19 de maio de 1945. Tal texto, intitulado “O homem, o romance e o realismo”, foi escrito por René Tavernier e corresponde a um ensaio sobre o realismo e suas manifestações contemporâneas. Citamos o argumento central do texto e a citação a Franz Kafka:

O romance moderno faz da realidade uma idéia profunda e leve, diferente daquela dos irmãos Goncourt. O processo do romance está ligado ao desenvolvimento do realismo, ao enriquecimento de uma noção tão essencial à arte e à nossa vida, uma vez que pretende revelar o sentido e a verdade. (...) Depois de Rilke e principalmente de Kafka, uma onda de fantástico invadiu a arte francesa, um fantástico concentrado, sistemático, de que “Thomas, o obscuro”, de Maurice Blanchot, é o exemplo mais típico.<sup>4</sup>

Trata-se de um texto rico e profundo, que, contudo, apenas cita Kafka, sem tecer maiores considerações sobre sua obra. A presença de Blanchot no artigo é um dado importante, visto que Maurice Blanchot foi autor de estudos perspicazes e reconhecidos pela crítica especializada como fundamentais sobre Kafka.<sup>5</sup>

Observando-se o que foi escrito acerca da obra de Kafka, tanto em jornais, quanto em revistas, podemos distinguir esses escritos e agrupá-los tanto por ordem cronológica, quanto tematicamente. Nota-se, por exemplo, que, depois destas primeiras observações acerca da obra de Kafka, o tom das apreciações passa a incidir sobre a correspondência entre a temática do texto e a biografia do autor. Em todo o período iniciado nos anos quarenta e chegando até o começo do século XXI, a obra de Franz Kafka é

<sup>4</sup> *O Estado de São Paulo*, 19 de maio de 1945, p. 4.

<sup>5</sup> BLANCHOT, Maurice. *De Kafka a Kafka*. Cidade do México, Fondo de Cultura Económica 1991.

tomada como um paradigma literário. Esse é o aspecto mais duradouro da recepção de Kafka no Brasil presente no levantamento dos jornais pesquisados.

Os primeiros textos que mencionam Kafka, nos anos 40, são superficiais e as menções a Kafka não aprofundam nenhum aspecto em particular. O mais comum é apresentar Kafka como um paradigma da literatura moderna, ou seja, os escritores são lidos a partir de uma fita métrica kafkiana, segundo a qual eles são ou não escritores que conseguem retratar o mundo contemporâneo sob a égide do absurdo da existência humana. Uma exceção a isso é o texto de Valdomiro Autran Dourado, publicado no jornal *Folha de São Paulo* (24.04.1949). Num ensaio totalmente dedicado à obra de Franz Kafka, Dourado apresenta resumos das principais obras do autor (*Metamorfose, O Processo, América, O Castelo*), além de tecer comentários sobre seus textos curtos. A leitura das obras é psicologizante, buscando entender a obra através dos dados biográficos do autor.

Os anos 50 consolidam a “vocalização” de Kafka como paradigma literário, conforme mencionado sobre a década de 40. Além disso, os jornais noticiam lançamentos de obras kafkianas ou sobre Kafka no exterior, bem como o lançamento de *A Metamorfose*, na tradução de Breno Silveira, no Brasil. Curiosamente, o conceito de Kafka como paradigma literário é utilizado para fazer crítica sobre a literatura alemã contemporânea, ou seja, os autores de língua alemã passam a ser considerados segundo a sua proximidade ou distanciamento formal e / ou temático em relação a Kafka. Tal situação é percebida em ensaios críticos publicados pelo jornal *Folha de São Paulo*, todos escritos no ano de 1957, sobre autores como Albrecht Goes, Walter Jens, Ernst Jünger, Hermann Broch, Robert Musil.

Nas décadas de 60 e 70, com a obra de Franz Kafka sendo traduzida e retraduzida no Brasil, os artigos que noticiam os lançamentos ocupam um lugar privilegiado. Os artigos não apenas põem em evidência as obras lançadas, mas tecem comentários sobre as mesmas, sendo que tais comentários oscilam entre críticas biográficas, que vêem a obra de Franz Kafka como um desdobramento de suas experiências pessoais (seguindo a linha do tradutor Torrieri Guimarães) e leituras proféticas, considerando o autor um visionário, que anteviu os grandes sistemas autoritários do século XX (Nazismo, Fascismo e Stalinismo). O livro *A Metamorfose* comparece



reiteradamente, durante o ano de 1963, na lista dos livros mais vendidos, conforme vários artigos publicados pelo jornal *Folha de São Paulo*. O ano de 1963 terá um componente a mais na construção da recepção da obra de Franz Kafka no Brasil: o lançamento do filme de Orson Welles, *O Processo* (*The Trial*). O filme, considerado pela crítica de então, mais kafkiano do que o próprio Franz Kafka, é o responsável por uma maior aproximação do autor tcheco ao grande público. Entretanto, Otto Maria Carpeaux não deixa de manifestar seu descontentamento com a adaptação levada a cabo no filme, no artigo de sua autoria “Processo Perdido” (jornal *O Estado de São Paulo*, 07.03.1964).

Ao lado de textos superficiais, nos quais Kafka é apenas mencionado, os anos 60 e 70 – em plena ditadura militar – testemunham o surgimento de livros com críticas profundas e fundamentais às obras de Franz Kafka feitas por autores brasileiros, tais como *Kafka, vida e obra*, de Leandro Konder (noticiado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, 05.11.1966); *A sereia e o desconfiado*, de Roberto Schwarz (noticiado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, 30.07.1966); *Os doze estudos*, de Anatol Rosenfeld (noticiado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, 28.04.1974). Além destes estudos, no ano de 1969 é traduzido o livro *Kafka: pró e contra*, de Günther Anders, por Modesto Carone (jornal *O Estado de São Paulo*, 13.09.1969), que, como vimos, mais tarde verteria para o português a maior parte da obra ficcional de Franz Kafka a partir do alemão. Surge, ainda, na década de sessenta, o primeiro suplemento literário totalmente dedicado à obra do autor tcheco, *Sem título* (jornal *O Estado de São Paulo*, 12.03.1966), com textos de renomados críticos e intelectuais brasileiros. É neste suplemento que se encontra o poema “kafkiano” de Carlos Drummond de Andrade, que transcreveremos ao final.

A década de 80 e a atualidade constituem um tempo marcado pelas traduções de Carone, em que ao já vasto universo de referências kafkianas na imprensa escrita vem somar-se o enfoque estilístico da obra do autor: Kafka é, agora, também tomado como um autor de excepcional capacidade literária, criador de uma escrita peculiar. Surgem estudos sobre a língua alemã usada por Kafka. É nesta década de 80 que surgem os números especiais de cadernos literários da grande imprensa, totalmente dedicados à obra de Franz Kafka, com artigos de renomados críticos, escritores brasi-

leiros e professores de literatura alemã, como por exemplo: *Século Kafkiano* (jornal *Folha de São Paulo*, 03.07.1983). Além desses artigos, Kafka é capa de várias edições dos mesmos jornais.

Até o ano de 1999 só havia notícia de uma dissertação de mestrado sobre a obra de Kafka, orientada por Erwin T. Rosenthal e defendida em 1973 por Ruth Röhl na Universidade de São Paulo. Hoje, já é possível encontrar outros trabalhos de grau sobre o autor como, por exemplo, o de Daniel Puglia, orientado por Sylvia Leser de Melo, do Instituto de Psicologia, da Universidade de São Paulo, intitulado *Um artista da fome: a imagem do artista numa narrativa de Franz Kafka* (2000) ou o de Enrique Isaac Mandelbaum, orientado por Jacó Guinsburg, do Departamento de Letras Orientais, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também da Universidade de São Paulo, intitulado *Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível* (2001), ou ainda o mestrado de Maria Célia Ribeiro Santos com o título *Da borboleta à lagarta: um estudo do silêncio em “A metamorfose” de Franz Kafka* (2004), orientado por Celeste Ribeiro de Sousa do Departamento de Letras Modernas da mesma instituição. Há, além disso, outros trabalhos em desenvolvimento, como os já citados de Eduardo Manoel de Brito que em seu doutorado se ocupa da representação e da recepção brasileira da violência em Kafka, e o de Maria Célia Ribeiro Santos que também em seu doutorado debruça-se sobre a representação e a recepção brasileira do silêncio/silenciamento presente em obras do autor, ou o de Renato Faria, que examina a construção labiríntica em *A construção*.

#### 4. Recepção produtiva. Textos poéticos

Além da recepção crítica, encontramos, pelo menos, cinco casos de recepção produtiva de Kafka no Brasil, isto é, há obras de autores brasileiros que, de alguma forma, dialogam com obras do escritor checo. Dois desses casos são produções literárias em prosa, três são textos de poesia. Em prosa, temos *Incidente em Antares* de Érico Veríssimo e *Os leopardos de Kafka* de Moacyr Scliar. Dos três textos de poesia, dois são eruditos e um popular, a saber: “K” de Carlos Drummond de Andrade, “O k do problema” de Haroldo de Campos e “Uma barata chamada kafka” de Paulinho Moska, Luiz Guilherme e Marcelo Marques, compositores da banda de rock “Os inimigos do rei”.

No caso do romance de Veríssimo, publicado em 1971, a ligação com Franz Kafka e sua obra faz-se a partir do nome de um café (*Kafé Kafka*), onde membros da elite local se reúnem para discutir temas políticos, culturais e literários, numa história de cunho realista-fantástico, na qual mortos insepultos, por causa de uma greve dos coveiros da cidade, voltam à sociedade onde viveram, exigindo um sepultamento digno. Há que observar que a história foi escrita durante a fase mais cruel da ditadura militar brasileira (governo de Emílio Garrastazu Médici, 1969-1973) e, portanto, não há como deixar de relacionar o clima de exceção reinante no país à época (militarização, tortura, prisões arbitrárias) com a atmosfera insólita criada na obra do escritor gaúcho, num estilo próximo ao de Kafka, isto é, utilizando para situações absolutamente incomuns descrições “realistas”, “naturais”, “sem sobressaltos”, nem como deixar de lembrar, a partir da sugestão evocada pelo nome do café – *Kafé Kafka* – as situações existenciais absurdas, criadas pelo autor checo.

Em *Os leopardos de Kafka*, de Moacyr Scliar, obra publicada em 2000, encontramos já no título a abertura de uma vereda que nos conduz a Kafka, o autor de *O processo*, de *O castelo*. O leitor, conhecedor da obra do escritor checo, adentra a leitura da obra brasileira, esperando situações insólitas, absurdas, incomuns, configuradas numa linguagem proveniente do âmbito do corriqueiro, do cotidiano. De fato, trata-se de uma bem humorada aventura policial que tem início no começo do século XX, quando um comunista trapalhão, que é o personagem principal de nome Ratinho, é encarregado de contatar um escritor judeu, militante comunista, na cidade de Praga. A relação que se estabelece com o autor Franz Kafka é imediata, pois Kafka também era judeu, escritor, e nasceu e viveu em Praga. Como Ratinho, o personagem principal, perde todos os dados da pessoa com quem teria de entrar em contato, acaba por pensar que se trata, realmente, de Franz Kafka, o escritor, de modo que confunde uma personagem com a outra. Durante o encontro com a pessoa que ele julga ser o escritor (na verdade, morto há décadas), recebe um texto misterioso em alemão, intitulado *Leoparden im Tempel*. A partir daqui uma seqüência de desencontros se dá e, ao final, Ratinho acaba por fugir para o Brasil. Anos depois, durante a ditadura militar, e já com família constituída, Ratinho vivencia a prisão do próprio neto nos porões da ditadura e o texto misterioso de Franz Kafka

acaba por cair nas mãos dos agentes policiais militares, os quais não entendem nada do que está escrito. Libertado o neto, Ratinho tenta recuperar o original escrito por Kafka, agora nas mãos da polícia, mas consegue recolher apenas um fragmento de papel numa lixeira da delegacia. Ao final do texto, Ratinho tem um sonho com os leopardos de Kafka, no qual ele mesmo se torna um personagem kafkiano.

Tanto esta narrativa como a anterior estabelecem, de um lado, um diálogo com a época da ditadura militar, na medida em que, de alguma forma, ecoam as circunstâncias em que foram produzidas e, de outro lado, remetem através do vocábulo “Kafka” o imaginário do leitor para as questões presentes na obra deste escritor. Trata-se, é claro, de um exame a merecer um aprofundamento maior que, entretanto, ultrapassa o escopo deste trabalho.

No caso dos poemas, há outras observações, ainda que breves, a fazer. Em “K” de Carlos Drummond de Andrade, sem dúvida, há inúmeras pistas intertextuais a evidenciarem-se ao conhecedor da obra de Franz Kafka, como por exemplo, a coincidência entre o K do poema e o K. do nome do protagonista de *O castelo*.

K

Uma letra procura  
o calor do alfabeto  
Uma letra perdida  
no calor da estalagem.  
Constante matemática  
na teia de variáveis,  
uma letra se esforça  
por subir à palavra  
que não se molda nunca  
ou se omite à leitura  
na câmara sombria  
carvão cavado em dia.

O ponto segue a letra  
em seu itinerário.  
Cachorro, escravo, mínimo

secretário que busca,  
fadado a consumir-se  
ante constelações  
de símbolos multívocos,  
ele próprio enganado  
a seu amo, no engano  
de pleitear a chave  
do que é vôo, na ave.

K.

Mas o alfabeto existe  
em si, por si, na graça  
de existir, na miséria  
de não ser decifrado,  
mesmo que seja amado.  
O súbito vocábulo  
queima de sul a norte  
o espaço neutro, e ele  
a letra não figura.  
A letra inapelada  
que exprime tudo, e é nada.

Tanto o personagem de Kafka quanto a letra do poema de Drummond “procuram no calor da estalagem” algo. Assim como a letra “K” do poema de Drummond “se esforça por subir à palavra que não se molda nunca”, assim também o K. de *O castelo* se esforça por ter acesso ao senhor do burgo, sem sucesso.

No caso do poema de Haroldo de Campos, “*O K do problema*”, há que levar também em conta o lúdico concretista.

*O K do problema*

ODRADEK o texto testa  
a vontade que adestra

e a destra de K  
o pai contesta  
a ordem manifesta  
que atesta e que é esta

ODRADEK retesa  
o não que represa  
e faz dele uma testa  
de texto que detesta  
esta ordem correta  
à sinistra de K  
o pai fazendo teste  
para peru de festa

ODRADEK  
a OBRA de K  
resta

Embora se trate, como no caso anterior, de material a exigir uma investigação mais profunda, que não cabe neste espaço, não há como não voltar a associar a letra “K” deste poema à célebre personagem do romance *O castelo* e ao próprio nome do autor Franz Kafka que, como todos sabem tinha um relacionamento bastante insatisfatório com seu pai, tal como também “a destra de K o pai contesta”. Ficam registrados, aqui, apenas estímulos de pesquisa.

Igualmente no poema popular composto por Paulinho Moska, Luiz Guilherme e Marcelo Marques da banda de rock “Os inimigos do rei”, a evocação do escritor checo é manifesta.

*Uma barata chamada kafka*

Encontrei uma barata na cozinha  
Eu olhei para ela ela olhou para mim  
Ofereci a ela um pedaço de pudim  
O curioso foi que ela

Ela disse sim vem cá ficar comigo  
Sim! gosta de tudo que eu gosto

Sim! vem cá ficar comigo  
 Sim! vem kafka!

Ofereci a ela um disco de Sex pistols  
 Ofereci a ela uma batida de limão  
 Perguntei se ela gostava dos beatles  
 Perguntei se ela era de escorpião

Você mora na barata ribeiro num edifício  
 Que tem um buraco perto do chuveiro  
 Já se drogou com detefon, insetizan, fumou baygon  
 Tudo quanto é tipo de veneno você acha bom

Como posso evitar essa coincidência  
 Encontrar uma barata com a minha aparência  
 Como posso evitar

La cucaracha, la cucaracha  
 Tome cuidado com a sandália de borracha

Não só o nome de Kafka surge no título do poema, como também a palavra “barata” remete para a célebre narrativa *A metamorfose* de sua autoria. É consabido que o termo alemão “Ungeziefer” recebeu em português a tradução de “barata”. É em barata que, um dia, Gregor Samsa acorda transformado. É para esta relação que os versos “Como posso evitar essa / Coincidência/Encontrar uma barata com a minha / Aparência” parecem apontar. Aqui fica também uma sugestão de trabalho.

A intertextualidade entre estes 3 poemas pede, sem dúvida, exame mais detalhado que, não obstante, extrapola o objetivo desta apresentação.

## 5. Arremate

Para concluirmos este apanhado geral da recepção de Kafka no Brasil, diríamos que sua obra hoje está, por assim dizer, inteiramente traduzida. No que diz respeito à crítica produzida no país em torno de seus livros, podemos dizer que, até os dias de hoje, com algumas boas exceções, falou-se muito de Kafka, empregou-se freqüentemente o adjetivo “kafkiano” como sinônimo de “absurdo”, sem que, no entanto, se conhecesse bem sua obra.

As exceções existem por conta dos artigos jornalísticos surgidos após as traduções consagradas do professor Modesto Carone, na sua incansável tarefa de re-situar o termo kafkiano como um adjetivo de cunho literário e não como um subproduto psicológico ou político. Só a partir da década de 80 as traduções de seus textos passam a ser feitas a partir do original e, só nos dias de hoje, Kafka é, finalmente, no Brasil, trazido à Academia para ser examinado a fundo. Caso para pensar e investigar. A recepção produtiva a seus escritos continua um campo de pesquisa praticamente intocado.

### Referências bibliográficas

- ANDERS, Günther. *Kafka: pro e contra*. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Perspectiva 1969.
- ANDRADE, Carlos Drummond. “K”. In: *O Estado de São Paulo* (capa do suplemento literário), 12/03/1966.
- BARRENTO, João (Org.). *Deutschsprachige Literatur in portugiesischer Übersetzung. Eine Bibliographie (1945-1978)*. Bonn-Bad Godesberg, Inter Nationes 1978.
- BRITO, Eduardo Manoel de. *A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte II*. Impresso. Pesquisa de Iniciação Científica / FAPESP 2000.
- CAMPOS, Haroldo de. “O k do problema” In: CAMPOS, Haroldo de. “Um realismo de linguagem?” *O Estado de São Paulo*. Suplemento Literário, 21/05/1966.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Franz Kafka e o mundo invisível”. In: *A cinza do purgatório*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil 1942.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Livros que não há na mesa”. In: *O Estado de São Paulo* de 13/06/1959.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Processo perdido”. In: *O Estado de São Paulo* de 07/03/1964.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Romances proféticos”. In: *O Estado de São Paulo* de 09/08/1958.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A cinza do purgatório*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil 1942.



- CAVALHEIRO, Edgard. "A semana e os Livros: As melhores traduções". In: *O Estado de São Paulo*, Suplemento Literário nº 13, p. 6, 04 jan.1957.
- DOURADO, A. Valdomiro. "Kafka e a solidão". In: *Folha de São Paulo*, 24/04/1949.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Brenno da Silveira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1956.
- KAFKA, FRANZ. *A metamorfose*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro, Ediouro 1971.
- KAFKA, FRANZ. *A metamorfose*. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense 1985.
- KAFKA, FRANZ. *A muralha da china*. Antologia. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo, Clube do Livro 1968.
- KAFKA, FRANZ. *América*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo, Editora 34 2003.
- KAFKA, FRANZ. *América*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo, Exposição do Livro 1965.
- KAFKA, FRANZ. *Da borboleta à lagarta: um estudo do silêncio em "A metamorfose" de Franz Kafka*. São Paulo, FFLCH-USP 2004.
- KAFKA, FRANZ. *Kafka. Parábolas e fragmentos*. Trad. Geir Campos. Rio de Janeiro, Tecnoprint / Ediouro 1967.
- KAFKA, FRANZ. *Na colônia penal*. Antologia. Org. e Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo, Exposição do Livro 1965.
- KAFKA, FRANZ. *Nas galerias*. Antologia. Trad. Flávio Kothe. São Paulo, Estação Liberdade 1989.
- KAFKA, FRANZ. *O castelo*. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro, Tecnoprint 1964.
- KAFKA, FRANZ. *O castelo*. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro, Tecnoprint 1966.
- KAFKA, FRANZ. *O castelo*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo, Tema 1964.
- KAFKA, FRANZ. *O processo*. Trad. Manuel Paulo Ferreira e Syomara Cajado. São Paulo, Círculo do Livro 1977.

- KAFKA, FRANZ. *O processo*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro, Tecnoprint 1971.
- KAFKA, FRANZ. *O processo*. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense 1988.
- KAFKA, FRANZ. *O processo*. Trad. Torrieri Guimarães. Rio de Janeiro, Tecnoprint 1966.
- KAFKA, FRANZ. *Os melhores contos de Kafka*. Antologia. Org. e Trad. A. Serra Lopes. São Paulo, Arcádia 1966.
- KAFKA, FRANZ. *Pequena fábula, O abutre, Desista!, Diante da lei*. Trad. Modesto Carone. In: *Folha de São Paulo* de 03/07/1983.
- KAFKA, FRANZ. *Sonhos*. Trad. Ricardo F. Henrique. São Paulo, Iluminuras 2003.
- KAFKA, FRANZ. *Um artista da fome e A construção*. Antologia. Trad. Modesto Carone. São Paulo, Brasiliense 1984.
- KAFKA, FRANZ. *Uma mensagem imperial e Um golpe na porta do solar*. Trad. Lúcia Nagib. In: *Folha de São Paulo* de 03/07/1983.
- KONDER, Leandro. *Kafka, vida e obra*. In: *O Estado de São Paulo* de 05/11/1966.
- LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1979.
- MANDELBAUM, Enrique Isaac. *Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível*. São Paulo, FFLCH-USP 2001.
- OS INIMIGOS DO REI (id est: Paulinho MOSKA / Luiz GUILHERME / Marcelo MARQUES). *Uma barata chamada Kafka*. In: [www.inimigos-do-rei.cifras.art/br](http://www.inimigos-do-rei.cifras.art/br)
- PIZZA, Daniel. “Bienal do Rio traz poucas novidades”. In: *O Estado de São Paulo* de 18/09/1991.
- PUGLIA, Daniel. *Um artista da fome: a imagem do artista numa narrativa de Franz Kafka*. São Paulo, Instituto de Psicologia – USP 2000.
- RIEDEL, Diaulas (Org.). *Maravilhas do conto alemão*. Antologia. Trad. revista por T. Booker Washington. São Paulo, Cultrix 1958.

- RÖHL, Ruth. *Franz Kafka. Os filhos: Rossmann, Bendemann e Samsa*. São Paulo, FFLCH-USP 1976.
- ROSENFELD, Anatol. *Doze estudos*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura 1959.
- SANTOS, Maria Célia Ribeiro. *A recepção da obra de Franz Kafka em São Paulo. Parte I*. Impresso. Pesquisa de Iniciação Científica / FAPESP, 2000.
- SCHWARTZ, Roberto. *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1965.
- SCLIAR, Moacyr. *Os leopardos de Kafka*. São Paulo, Companhia das Letras 2000.
- STIERLE, Karlheinz. *Ästhetische Rationalität. Kunstwerk und Werkbegriff*. München, Wilhelm Fink 1996.
- TAVERNIER, René. „O homem, o romance e o realismo“. In: *O Estado de São Paulo* de 19/05/1945.
- VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre, Editora Globo 1971.